

ATEÍSMO E MORAL: O VERBETE “HOBBS” DO *DICIONNAIRE DE BAYLE*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo¹

RESUMO: Na nota M do verbete “Hobbes” de seu *Dictionnaire historique et critique*, Pierre Bayle reflete sobre a acusação de ateísmo atribuída a Thomas Hobbes, a despeito das opiniões ortodoxas do filósofo inglês a respeito da natureza de um deus. Se para Hobbes era inquestionável a existência de um deus na origem de todas as coisas, adotando o cristianismo tal como estava instaurado na Inglaterra mediante as leis, se ele repudiava as querelas teológicas e extravagâncias religiosas, nem por isso enveredou pelo ateísmo. Nesse sentido, em relação à equivocada acusação apontada por Bayle no verbete do *Dictionnaire* dedicado a Hobbes, o próprio filósofo inglês, no *De cive*, já criticara os ateus, entendendo o ateísmo, moral e politicamente, como a coisa mais inaceitável existente na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Bayle, Hobbes, ateísmo.

RÉSUMÉ: Dans la note M de l'article "Hobbes" de son *Dictionnaire historique et critique*, Pierre Bayle reflète sur l'accusation d'athéisme attribué à Thomas Hobbes, malgré les vues orthodoxes du philosophe britannique sur la nature d'un dieu. Si pour Hobbes l'existence d'un dieu était incontestable à l'origine de toutes choses, l'adoption du christianisme comme il a été introduit en Angleterre par les lois, s'il a répudié les querelles théologiques et les extravagances religieuses, il ne pas vraiment tenté l'athéisme. Par conséquent, en ce qui concerne l'accusation erronée communiquée par Bayle dans l'article du *Dictionnaire* dédié à Hobbes, le philosophe anglais lui-même, dans *De cive*, déjà critiqué les athées, en comprenant l'athéisme, moralement et politiquement, comme la chose la plus inacceptable existant dans la société.

MOTS-CLÉS : Bayle, Hobbes, athéisme.

¹(Doutorando em Filosofia UFBA/FAPESB). e-mail: marceloprime_sp@hotmail.com

Precisamente na nota M do verbete “Hobbes” de seu *Dictionnaire historique et critique*, Pierre Bayle vai refletir sobre a acusação de ateísmo atribuída a Thomas Hobbes, mesmo este tendo opiniões bastante ortodoxas a respeito da natureza de um deus. Segundo o filósofo de Carla, se para Hobbes era inquestionável a existência de um deus na origem de todas as coisas e que o pensador inglês teria aderido ao cristianismo tal como estava instaurado na Inglaterra mediante as leis, se ele tinha profunda aversão às *disputacio* teológicas rejeitando muitas doutrinas escolásticas, e sendo contra autoridades religiosas que distorciam a religião com cultos supersticiosos ou por meio de diversas e vagas especulações metafísicas, concedendo determinados atributos a uma divindade, nem por isso ele seria um ateu. A origem da controvérsia seria a clássica confusão entre uma opinião heterodoxa a respeito de uma religião qualquer e propriamente ser ateu, isto é, todo e qualquer pensamento que vai de encontro a uma determinada opinião vigente é classificado como ateísmo uma vez que não se enquadra nos moldes de uma ótica eclesiástica. Nesse sentido, em relação à injustiça de tal acusação apontada por Bayle no verbete do *Dictionnaire* dedicado a Hobbes, este mesmo já em seus escritos tira qualquer dúvida e afasta qualquer associação das suas concepções morais ao ateísmo. No *De cive* o filósofo inglês é categórico em diversos pontos contra os ateus: estes seriam loucos, o ateísmo é indesculpável mesmo sendo entendido como uma imprudência da parte de quem o manifesta, e a punição adequada a tal postura seria com o direito da guerra. Nos antípodas das teses defendidas por Bayle em seus *Pensées diverses sur la comète* a respeito da perfeita associação entre ateísmo e moral, Hobbes é inequívoco neste ponto: o ateu é o inimigo das leis e do Estado, e o ateísmo é o que existe de mais execrável e injusto dentre os homens.

Segundo Bayle, os que fizeram a biografia² do filósofo de Malmesbury defendiam que ele tinha opiniões deveras ortodoxas concernentes à natureza da divindade. Todas as coisas na natureza seriam oriundas de um deus e que não seria preciso enclausurá-lo na limitada razão humana. Hobbes tornara-se cristão tal como o cristianismo teria sido instaurado na Inglaterra conforme às leis, mas repudiava toda e qualquer disputa teológica, preocupando-se mais com a prática da piedade e dos bons costumes. Da mesma forma, censurava os padres que obscureciam os dogmas simples de religião por meio de cultos supersticiosos ou deturpando-os por quiméricas especulações. (BAYLE, 1982, pp. 375-376; *DHC*, 1740, II, pp.776-777.) Aqui Bayle toca no cerne da questão: os biógrafos de Hobbes concluem que os que o acusaram de ateu não passaram de infames detratores, alegando que o filósofo inglês teria

²Bayle cita passagens da *Vita Hobbesii*, redigida em latim e de sua *Vie*, de 1682.

desconsiderado diversas doutrinas escolásticas, que concediam à divindade certos atributos baseados sobre um ponto de vista do homem. Confundir a crítica hobbesiana de certas concepções teológicas vigentes em sua época com ateísmo seria o maior dos impropérios:

Eles concluem que os que o acusam de ateísmo são indignos caluniadores, que poderiam alegar outro pretexto como aquele pode ser, é que ele tinha rejeitado diversas doutrinas escolásticas, segundo as quais se dá a Deus certos atributos, os quais tomam como modelo nosso pequeno gênio. [...] É indubitável que não há acusação que caiu em tão grande abuso como a acusação de ateísmo. (BAYLE, 1982, pp. 375-376; *DHC*, 1740, II, p. 777.)

Bayle aponta para a confusão sempre corriqueira entre qualquer opinião heterodoxa e ateísmo. Movidos pela má fé, caluniadores chamam de ateus todos os que fundamentam suas afirmações tão e somente nos próprios escritos os quais tem à mão. Não adotar determinados preceitos particulares que são impostos às camadas populares é incorrer em descrença, pois os que “ousam retirar-se desta rotina são ímpios, e espíritos fortes, se acreditarmos em certos doutores.” (*Id. Ibid.*; *Id. Ibid.*) Nesse sentido, a curta nota do verbete do *Dictionnaire* permite tirar a névoa que pairava sobre o pensamento do filósofo inglês: este querendo disputar livremente contra os que deturpavam a imagem de uma divindade devido aos fracos argumentos de seus opositores, ganhou a pecha de ateu e libertino.³ Contudo, um olhar atento aos próprios escritos de Hobbes, precisamente no *De cive*, veremos a imagem do ateísmo traçada pelo pensador inglês: trata-se da maior infâmia em termos éticos e políticos, necessitando ser punido do seio do Estado. Nesse sentido, o equívoco que Bayle denunciara no *Dictionnaire*, Hobbes já o tinha desfeito textualmente, isto é, se sua filosofia é inconciliável com o ateísmo, no plano político será absolutamente inaceitável.⁴

No *De cive*, Hobbes mostra em qual pecado consiste o ateísmo, a saber, “um pecado de imprudência ou de ignorância, que legalmente não se pode punir.” (1982, IV, xix, p. 254.) A definição de pecado hobbesiana abriga em seu seio necessariamente a violação de alguma lei, sendo que lei é a ordem de quem detém o poder supremo e tal poder, por sua vez, é concedido pelo consentimento dos próprios homens. Dessa forma, aquele que não crê em um deus e tampouco submeteu sua vontade à vontade divina, mesmo enganando-se a este respeito, pecará em termos de imprudência ou de ignorância. Mesmo Hobbes admitindo que não é possível punir legitimamente a imprudência de um ateu, tal argumento tem um limite:

³ Sobre a definição deste termo no século XVII, ver o clássico estudo de René Pintard, *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle*. Genève: Éditions Slatkine, 2000.

⁴ Bayle terá uma imagem totalmente contrária a de Hobbes no tocante à associação entre ateísmo e virtude em seus *Pensées diverses sur la comète*. Todavia, fazer um estudo comparativo entre as opiniões dos autores ultrapassaria os limites do presente trabalho.

se a negação da existência de um deus é o maior de todos os pecados, ainda assim ele deve ser entendido como um crime de imprudência. Porém, constitui um verdadeiro “absurdo inferir disso que deva ser desculpada por imprudência ou por ignorância.” (1982, IV, xix, p. 254.) O ateu torna-se então o inimigo por excelência do Estado, e o termo “inimigo” ganhando um contorno bem particular:

O ateu, com efeito, é punido imediatamente por Deus ou então pelos reis que estão instituídos abaixo de Deus; mas não como um súdito é punido por seu rei, porque não lhe cumpriu as leis, e sim como um inimigo sofre em mãos do inimigo, porque não lhe quer aceitar as leis – isto é, pelo direito de guerra, assim como sucedeu aos gigantes em guerra contra Deus. Pois são inimigos aqueles que não têm o mesmo senhor nem são súditos um do outro. (*Id. Ibid.*)

O ateu é condenável em diversos aspectos: sua descrença é passível de punição pelos céus, pelas leis mundanas e pelo próprio direito da guerra. Tornando-se um inimigo das leis vigentes tanto celestes como humanas, sua condenação tem de ser imediata, muito longe de tal questão ser reduzida a um problema de caráter interno e de cunho insignificante, que não acarrete consequências de ordem temporal.⁵ E para afastar o inequívoco do peso do termo “inimigo” dado por Hobbes, basta atentar à nota acerca da mesma passagem acima citada, na edição do *De cive* de 1646, mesmo ele reconhecendo, segundo Polin, “que contrariamente às convicções de seu tempo, se possa ser, ao mesmo tempo, um ateu e um bom cidadão.”(1981, p.69):

Mas sou inimigo tão ferrenho dos ateus que procurei com empenho alguma lei pela qual os pudesse condenar por injustiça, e quis muito encontrá-la. Porém, não encontrando nenhuma, indaguei então que nome Deus dá a homens a quem tanto detesta. Ora, assim fala Deus do ateu: *Disse o néscio, no seu coração: Não há Deus.* E é por isso que coloco o seu pecado no mesmo gênero a que Deus o refere. E depois mostro que eles são inimigos de Deus. Ora, considero mais duro dar a alguém o nome de *inimigo* que o de injusto. Finalmente, afirmo que a esse título eles podem ser justamente punidos tanto por Deus quanto pelos magistrados supremos, e assim de forma alguma desculpo nem atenuo o seu pecado. (HOBBS, 1998, XIV, xix, nota 8, pp. 388-389, grifos do autor).

⁵ É o argumento de Raymond Polin: Mas reconheçamos que essa palavra “inimigos”, a qual limitam-se do mesmo modo o *De Cive* e o *Leviathan*, é confuso ou insignificante: ela toma a aparência da mais grave das condenações, mas não comporta nenhuma consequência temporal visto que o Reino de Deus não é um reino político. Não crer em Deus ou em uma Providência divina, ser inimigo de Deus, é um caso de foro interior, que não encerra nenhuma luta temporal nem punição temporal alguma. Tudo se passa no fundo dos corações. É neste sentido que esta condenação é verbal e insignificante.”POLIN, Raymond. *Hobbes, Dieu et les hommes*. Paris: PUF, 1981(Collection “Philosophied’aujourd’hui”), p. 68.

Declarando sua posição contra o ateísmo, Hobbes fundamentando-se nos escritos sagrados, foi obrigado a definir o que seria ser ateu, a saber, retratando como um débil que não sabe servir-se da própria razão, porém, um inimigo impossível de ser absolvido quanto à sua descrença e suscetível de sofrer sanções espirituais e temporais. Ora, e se eles são *justamente* punidos pelas leis divinas e humanas, também o ateísmo não seria um crime também de injustiça? Mesmo a linha sendo bastante tênue aqui entre o que é ser inimigo e ser injusto, o resultado final é o mesmo, isto é, a punição sem reservas ao ateísmo.⁶ Nesse sentido, o próprio Hobbes e seus biógrafos calçaram o caminho da pista fornecida por Bayle que apontara para o exagero dos inimigos do filósofo inglês em classificá-lo como um ateu. Ora, se os textos mais filosóficos de Hobbes por si mesmos não viabilizavam um ateísmo propriamente dito, em seus escritos de cunho político, ele corroborará suas teses uma vez que enfatiza de modo claro suas reservas contra o ateísmo. Dessa forma, concluo aqui com as palavras de Simone Goyard-Fabre: “Acusam-no de ter feito a Igreja depender da autoridade real; denunciam o fermento de ateísmo que escondem seus escritos [...] Essas queixas, seguramente, são excessivas, mostrando o quanto é difícil romper com as ideias que um longo passado acreditou, revelando, da parte de seus leitores, uma falta evidente de probidade intelectual.”(1982, p. 19.)

⁶ O que destitui de sentido todas as imagens ateias de Hobbes erigidas por seus contemporâneos. Segundo Martinich, “muitos contemporâneos de Hobbes o chamaram de ateu. Ele sempre negou a acusação e se defendeu contra eles explicitamente em várias obras. Ele diz que se fosse ateu, ele teria que sabê-lo, e o sabendo, ele não faria isso ser conhecido em suas obras.”MARTINICH, A.P. “Atheism”. In: *A Hobbes Dictionary*. Oxford: Blackwell Publisher Ltd. 1995(The Blackwell philosopher dictionaries), p. 35.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLE, Pierre. *Dictionnaire Historique et critique*. Amsterdam, Leyde, La Haye, Utrecht, 1740, 5ème Edition, 4 vols. In-folio. [Edição fac-símile.]

HOBBS, Thomas. *Le citoyen ou les fondements de la politique*. Trad. de Samuel Sorbière. Paris: Flammarion, 1982.

_____. *Do cidadão*. Trad. de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARTINICH, A.P. *A Hobbes Dictionary*. Oxford: Blackwell Publisher Ltd., 1995. (The Blackwell philosopher dictionaries.)

PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*. Genève: Éditions Slatkine, 2000.

POLIN, Raymond. *Hobbes, Dieu et les hommes*. Paris: PUF, 1981 (Collection "Philosophie d'aujourd'hui.")